

Entrevista com Professor Dr. Ruben Oliven
Porto Alegre, 21 de janeiro, 2008.

Ruben Oliven é professor titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e um dos criadores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS. Entrevista realizada pelos bolsistas Paulo Crochemore da Silva, Carolina Dorneles dos Passos e Priscilla Santos do Programa de Educação Tutorial das Ciências Sociais da UFRGS e pelo Prof^o Mauro Roese em 21 de janeiro de 2008.

Entrevistadores - Professor, gostaríamos de agradecer a sua atenção. O que a gente busca nessas entrevistas não é uma análise, mas um relato da sua vivência nas Ciências Sociais, enquanto aluno, enquanto docente. Quais foram as suas motivações para fazer o curso de Ciências Sociais?

Ruben Oliven - Eu fui, a título de informação, o primeiro professor de Antropologia da UFRGS a ter feito o curso de Ciências Sociais. Até então eles eram ou formados em História, tinha um que era formado em História Natural etc. Por que eu queria fazer Ciências Sociais? Bom, eu vim de uma casa que as coisas intelectuais eram muito valorizadas, a rigor, a única autoridade que meus pais reconheciam era a autoridade intelectual. Qualquer outra pessoa, que podia ser muito importante, eles não davam a mínima, mas uma pessoa inteligente, bem informada, isso eles valorizavam. Então, não só tinha muito livro, como conseguir dinheiro para livro era fácil. Pedia para Coca-Cola, muito difícil, mas pedia para livro e sempre tinha um jeito. Eu lembro que tinha a livraria Cosmos, no Centro de Porto Alegre, meu pai conhecia o gerente, então eu ia lá, comprava um monte de livros, e na hora de pagar eu dizia: “põe na conta do meu pai”. “Sim, mas ele está sabendo?”. Eu digo: “não, põe que eu falo com ele e espera uns dias para mandar”. Quando vinha a conta o meu pai dizia: “que é isso?”, “ah, pois é, esqueci de avisar”. Dizia: “tudo bem, mas me avisa”. Então, tinha um ambiente desse tipo e, bom, naquela época eu também era jovem, queria mudar o mundo, Ciências Sociais parecia ser um caminho. Ao mesmo tempo fiz Ciências Sociais e Ciências Econômicas. Além do aspecto de querer mudar o mundo, antes de estar na universidade eu lia livros de Marx, e foi uma época

também de muita ebulição, a parte que mais me palpitava no fundo era a parte da cultura, eu achava a mais interessante. Até posso falar depois como é que foi com o curso de Ciências Sociais, mas era uma motivação em parte intelectual. Meus pais são judeus alemães, vieram para cá na guerra. Meu pai veio diretamente, minha mãe veio via Inglaterra. Meu avô, que morreu quando eu tinha dez anos de idade, era escritor. Ele vivia de ser escritor, era o que se chama de *libretista*. Escrevia letras de operetas, escrevia com pseudônimos e as peças dele continuam sendo encenadas. Então também, de alguma maneira, eles são influências, porque eu tinha muito contato com eles. A coisa intelectual, a coisa dos livros, era mais ou menos natural na minha formação. Ter ido para um curso assim não era muito surpreendente. Eu entrei na Universidade em 1964. Era o período pré-64, período de muita ebulição, de muita coisa acontecendo, de muita ingenuidade também. A esquerda brasileira - todo mundo não, porque o João Goulart tinha um esquema militar que impedia que houvesse golpe - não tinha esquema nenhum. Parte da esquerda achava que estava no poder, porque ia ao Palácio do Planalto tomar *uísque* com o João Goulart, era muita ingenuidade. Veio o golpe, e eu tenho a impressão de que as pessoas absorveram o golpe gradativamente. O golpe teve fases dentro dele. No começo eles estavam muito mais preocupados em terminar com os partidos políticos, em intervir em sindicatos. Em 1968, com o AI5, eles começam a intervir na área da cultura que até então eles não intervinham. Até 1968, tinha o que o Caetano Veloso brinca numa música dele que diz “uma canção me consola”. O golpe já tinha ocorrido, a esquerda já tinha se derrotada, e as pessoas continuavam fazendo música sobre “o dia que virá”, mas o dia já tinha vindo, já era o golpe, já tinham entrado. A Universidade também sofreu isso, quando eu fui aluno, em 1964, tiveram as primeiras cassações. Eles não chamavam de cassações, eram expurgos. O regime ainda não sabia como fazer isso, não tinha ainda o AI5, porque o AI5 criou uma coisa que eles aposentavam qualquer funcionário compulsoriamente. Era uma coisa que saía no diário oficial, não precisava de inquérito, não precisava de nada, era um ato do governo. O que a Universidade fez naquela época eram comissões de expurgos, e ela expurgou, na Faculdade de Filosofia. Naquele tempo tinha uma Faculdade de Filosofia que era uma espécie de mini-Universidade, pegava todas as áreas nossas, a Física, a Química, a Biologia. Era uma coisa muito grande, muito importante, muito central e era a coisa mais interdisciplinar que tinha na Universidade. Ao contrário do Direito, da Medicina, da

Engenharia, tudo em escala menor. Tinham 100 mil estudantes universitários em todo o Brasil em 1964. A UFRGS tem atualmente 25, 30 mil – para se ter uma idéia do que era a dimensão. Realmente ser estudante universitário era uma elite, era um grupo pequeno e era praticamente só em Universidades públicas, ou nas convencionais, tipo PUC. Não tinha expansão de ensino privado. E a Faculdade de Filosofia era um mundo que girava lá, com muita gente, tinha o bar aquele onde está o Antônio, que era um pouco diferente. As pessoas iam, todo mundo se conhecia, discutiam, se sabia as posições políticas. Quem se desconfiava que era da polícia, não era. Se desconfiava de vários que não eram, mas o cara era meio calado, levava fama. As cassações começaram primeiro na Filosofia, cassaram o professor Fiori, que era um grande professor, depois cassaram vários na Arquitetura. As cassações se davam por uma mistura de coisas, ou porque o cara era realmente de esquerda, ou porque ele era brilhante e isso causava inveja em outros, às vezes entravam inimizades. A Universidade foi atingida, mas não havia uma repressão tão forte como começou a haver em 1968. As pessoas ainda falavam, protestavam, tinha passeata, o próprio regime não sabia muito bem o que fazer. Teve uma comissão de estudantes que foi recebida, num certo momento, pelo Costa e Silva, que era presidente. Nenhum presidente, hoje em dia, recebe estudante, nem ministro recebe, ele manda alguém receber, mas o mundo todo era um pouco menor e os estudantes universitários ainda eram considerados filhos da elite. Tu podias estar mexendo com alguém que era filho de deputado. Isso atingiu a Universidade, mas ela ainda era um foco de pensamento crítico, tinha uma certa vivacidade. Numa escala, Porto Alegre era uma cidade bem mais provinciana, eu não sei que população tinha. Eu tinha estudado, antes disso, em três colégios. Eu estudei primeiro no Farroupilha, depois no Israelita, depois no Julinho. Naquele tempo tinha colegial, que era ou científico ou clássico. Eu acabei fazendo dois científicos e, no último, eu digo “bom, como eu vou fazer Economia e Ciências Sociais, eu não preciso de Física, Química”, e fui para o clássico. No clássico tinham os caras que iam para o Direito. O cara que era intelectualizado ia para o Direito, mesmo que ele não fosse advogado. Eu era um pouco exceção. Sair do colégio e ir para a faculdade sempre é uma experiência diferente. Saí de uma situação mais contida, para uma coisa que tu tens que escolher as matérias, ver os professores. Imediatamente, a gente classificava os professores como mais progressista, menos progressista, disciplinas, se são mais progressistas, menos progressistas. Eu terminei o primeiro ano e interrompi.

Eu fui passar um ano viajando. Passei uns 8 meses em Israel e depois eu fui para a Europa, que foi uma coisa muito interessante, porque, além de conhecer esses lugares, tu estás por conta própria. Segundo, porque tu começa a olhar para o que tu fazias no teu país com distância. Já voltei diferente. É que eu acho que o fato de ter passado um ano me deu uma maturidade para questionar as coisas. Eu voltei e comecei a trabalhar. Comecei a dar aula, que foi uma experiência muito interessante.

Entrevistadores - O senhor dava aula de quê? E onde?

Ruben Oliven - Eu dei aula no Colégio Israelita. Tinham me convidado para dar uma disciplina que chamavam de Cultura Hebraica, no fundo era História Judaica. Fui levando, fui fazendo o curso, e naquele tempo não tinha mestrado em Ciências Sociais, não tinha nada disso. O curso de graduação não exigia muito, cá entre nós, acho que também hoje o curso não exige tanto [risos]. Tinha muita aula, mas lia se quisesse, fazia os trabalhos, e é isso. Ter reprovação, como era célebre na Engenharia, a disciplina de Cálculo reprovava todo mundo, acho que ainda reprova. Era famosa porque reprovava. No meio disso, eu ganhei uma bolsa, quando eu estava no terceiro ano, que é uma bolsa da AUI, Associação Universitária Interamericana. A associação foi criada por um grupo de pessoas nos Estados Unidos, progressistas, em termos americanos, mais ligadas ao Partido Democrático. Eles fizeram essa associação e a idéia era que essa associação traria jovens americanos para cá e brasileiros para lá. Era um processo seletivo, todos os anos iam uns cem estudantes do Brasil, e tinha um sistema de seleção. Tu te inscrevias, tinhas que escrever uma carta, botando currículo. Tu tinhas o curso preparatório, que era dado, em parte, por professores da Universidade, mas era dado pelos melhores que eles contratavam. Era dado num sábado, lá na Faculdade de Direito, era muito bom. Então a gente foi para os Estados Unidos. Era um contato com o mundo do consumo que era muito parecido com o de hoje em dia, mas que naquela época aqui no Brasil não tinha, foi muito impactante. De lá, a gente passou para duas semanas em Harvard, a universidade é riquíssima, a gente teve conferências com sociólogos e outras pessoas. Me dei conta de que tinha universidades e universidades. Claro, comparar Harvard com qualquer coisa é covardia. Assim como comparar UFRGS com uma universidade do interior do Brasil também é covardia. Se tu

vais para o interior da Argentina também é uma questão de escala. Mas me dei conta da riqueza que tinha e dos livros que tinha e das possibilidades que tinha de estudo.

Entrevistadores - Como é que funcionavam as ênfases ou o curso como um todo?

Ruben Oliven - Tinha uma época, antes de eu entrar, que tu fazias o bacharelado em três anos e fazia mais um ano de licenciatura. Boa parte fazia para poder ser professor, não tanto no curso de Ciências Sociais, mas História, Letras. Depois, tu tinhas um pouco que optar, mas não era excludente. Hoje em dia, é meio que excludente fazer simultaneamente. Tu podias ir fazendo os créditos, te formavas num e depois tu pedias o outro. Entrava no curso e isso ainda nem era uma preocupação. Havia um certo preconceito dos alunos do curso de Ciências Sociais em relação às disciplinas da Pedagogia. Era tudo Psicologia, é difícil de explicar. A explicação mais forte que tinha no curso de Ciências Sociais era uma explicação economicista. Tu tinhas um bom aluno de Ciências Sociais - ele ia ou para a Sociologia ou para a Política. A Antropologia não era nada. Tinham “os” temas, que eram todos com letra maiúscula: Desenvolvimento, Ideologia, Dependência, O Estado, Os Partidos, Os Sindicatos. Esses eram os temas. Não tinham temas como hoje em dia: violência, repressão, identidade. Um bom aluno de Ciências Sociais sabia fazer um quadro, pelo menos do Brasil. Se ele era bom mesmo, ele fazia do mundo, em que ele encaixava todos os atores sociais. Estou exagerando, mas não tanto. Não existia a questão étnica, havia não-questões, a etnicidade não era uma questão. O índio tinha que ser transformado em camponês. Quando houvesse o Socialismo toda a questão étnica seria resolvida. A religião era o ópio do povo. Televisão, futebol, uma série de coisas não eram temas privilegiados. Havia uma discussão que vinha via CEPAL, a Comissão Econômica pela América Latina, um órgão da ONU, que ficava no Chile. Tinham vários assuntos e tinha uma maneira canônica que era assim: como é que tu conheces a consciência social das pessoas através da estrutura social. Se tu souberes como é que os grupos se inserem na estrutura social, tu vais saber a consciência deles, ou a que eles têm, ou se eles não têm e que eles deveriam ter, que eles podiam ter uma falsa consciência. E o que eu gostava mesmo, que me motivava e fazia meus olhos brilharem era tudo aquilo que era considerado não-tema. Era tudo o que tinha a ver com supra-estrutura, que deveria ser deduzida mecanicamente da infra-estrutura. Era cultura, porque as pessoas tinham preconceitos. Era

racismo. Era isso que, no fundo, eu gostava. Isso era o campo da Antropologia. Mas esse era um campo quase pecaminoso, porque eu ainda estava trabalhando com a supra-estrutura. Segundo, porque trabalhar com cultura, muito facilmente podia ser assumido como uma das coisas que era o maior dos palavrões, que era ser culturalista. A CEPAL rejeitava qualquer interpretação culturalista. E tinha uma série de interpretações culturalistas que, no fundo, eram psico-sociais de causas de atraso, de causas de marginalidade. No fundo, tu explicavas o atraso dos países ou a marginalidade de grupos, em função de características psico-sociais. Então, gostar de cultura, quer dizer, os antropólogos acabavam jogando fora o bebê junto com a água do banho. Tu não podias tratar de cultura, porque a cultura te colocava nessa situação.

Entrevistadores - Isso se opõe aos temas da CEPAL? De certa forma, é o que o senhor via enquanto estudante de graduação aqui?

Ruben Oliven – Sim. Aqui, não era só a CEPAL, mas ela fazia estudos de excelente qualidade. Eles tinham um enfoque que era um enfoque técnico, mas político. “Nós vamos explicar a desigualdade por relações estruturais. Nós vamos explicar a situação de marginalidade pela maneira como a sociedade é organizada.” O que eu achava certo, para aquela época. Hoje em dia, o mundo ficou mais complicado. Eles não estavam interessados em cultura, para eles não funcionava. Hoje em dia, para estudar o Brasil, como não estudar religião? Um país com uma Igreja Universal, que está em mais de 100 países do mundo, é uma multinacional. Tu não podes entender o Brasil sem olhar pra isso. Atualmente, tu não podes entender o Brasil sem falar de novela, sem saber de música, inclusive das mais variadas formas de rock brasileiro.

Entrevistadores - Em termos epistemológicos, já era uma Antropologia Cultural, só que ela ainda não existia enquanto disciplina?

Ruben Oliven - O estudo da Antropologia na UFRGS foi criado em 1942, 43, e foi dada por um professor que era o Padre Balduino Rambo, carinhosamente chamado de Rambão, porque ele tinha o irmão mais jovem que também foi professor de Antropologia e que era chamado de Raminho. Eu não conheci o Rambão. Ele morreu muito cedo, com 50 e poucos anos. O Rambão era padre jesuíta, nascido no Brasil, mas ele falava alemão

perfeitamente, escrevia o diário dele em alemão. Esse cara era um grande botânico, só que a cátedra de botânica foi dada para outro professor- as cátedras eram dadas. “A cátedra da botânica nós já demos para outra pessoa, mas nós temos para lhe oferecer a de Antropologia”. Ele disse: “tudo bem”. Pegou a de Antropologia, mas, no fundo, o mais próximo que ele fazia era Arqueologia. Então ele disse para o professor Schmitz, que era seu assistente e depois quando ele morreu, ficou sendo o catedrático: “você vai ser um grande arqueólogo.” E treinou o Professor Schmitz para ser arqueólogo, o Schmitz era o discípulo dele. O Schmitz se tornou um grande arqueólogo, ainda é um dos grandes arqueólogos do Brasil. Quando eu entrei, a Arqueologia era forte, tinha ele e o Brochado. Depois do Professor Schmitz, entrou o Rabinho, que era o irmão mais moço, muito mais moço - era uma família grande - com 20 e tantos anos a menos, que era formado em História Natural e que dava Antropologia Física, chegou a ter Antropologia Física. Eram eles e depois entrou o Sérgio Teixeira, que se aposentou há uns quinze anos. O Sérgio Teixeira começou a fazer Antropologia Cultural a rigor, se interessava pela África. Eu lembro que ele nos deu dois livros sobre a questão do *apartheid* na África do Sul, que era um negócio interessante. O livro mostrava que o negócio é complicado. Na época não tinha xerox, tinha muito pouco livro. Então, o que tinha de livro em Antropologia? Tinham dois livros, um era um livro que se chamava “O Homem: uma introdução à Antropologia:”, de um americano chamado Ralph Linton, e outro, em dois volumes, chamado “Antropologia Cultural”, escrito por Felix Keesing e e que tinha um capítulo para cada assunto. E o resto eram apostilas. O Sérgio pegava um livro em inglês, lia, traduzia e mimeografava. Também o acesso a livros estrangeiros era muito pequeno e dependia dos professores. O grande professor de Sociologia era o João Guilherme Corrêa de Souza. Era um professor jovem, era um bom professor, ele foi muito mais professor do que pesquisador. Ele lia *para burro*, lia principalmente autores espanhóis. Era um professor que tu podias questionar. A Política era muito boa, porque ela tinha dois professores muito dinâmicos. A Política tinha sido criada por um professor chamado Darci Azambuja, que era professor na Faculdade de Direito da UFRGS. Escreveu um livro que foi clássico, que se chama “Teoria Geral do Estado”. Ele tinha sido catedrático e convidou o Professor Leônidas Xausa para ser seu assistente. Xausa era um político, ele era formado em Direito, foi político do Partido Democrático Cristão e foi muito bem votado como vereador, e o Loureiro da Silva, que era

um prefeito muito importante de Porto Alegre, foi prefeito várias vezes, ele fez a Avenida Farrapos, na década de 40, convidou o Xausa para ser secretário de governo, que era uma espécie de secretário geral da prefeitura, e o Xausa, muito jovem teve essa posição. O Darci Azambuja se aposentou e o Xausa fica de catedrático. Naquela época ele era um catedrático muito jovem. Catedrático era um cara que mandava, contratava seus próprios assistentes, ele era dono da cátedra. Não é como hoje em dia que tu és titular, mas não tens esse poder. Tinha ele, que era um professor brilhante e dava aulas, não chegou a concluir mestrado, mas ele fez uns cursos de um mestrado em Política na Universidade de Columbia. Ele veio com idéias, conhecia autores. Tinha verbas da Fundação Ford. Atraiu pessoas jovens, o Hélió Trindade, o Francisco Ferraz, que foram ambos reitores da UFRGS. O assistente dele era o Professor José Tavares, que foi professor aqui também até uns 15 anos atrás, e que também era um orador muito bom e conhecia muito a fundo a Ciência Política. Naquela época, o curso era bom pela capacidade de oratória do professor. Ser pesquisador ou escrever - maior parte não escrevia -, não era por aí que se media. Talvez a Política tivesse os professores mais brilhantes, mas a Sociologia tinha mais professores. João Guilherme era muito bom, tinha o professor Laudelino que era um catedrático, que fez parte de comissões de expurgos da UFRGS. Ele era muito marcado, muito conservador. Ele era um catedrático, podia ser muito bom se ele incentivava as pessoas, e ele podia ser complicado se ele segurava, ele era um cara que meio que segurava. Os assistentes dele, quando começavam a subir, ele segurava. E na Antropologia, o Schmitz sempre teve tempo parcial na Universidade. Naquele tempo, tu eras contratado para trabalhar doze horas. Para conseguir passar para 24 já era difícil. Tempo integral era muito raro. João Guilherme tinha tempo integral, mas o Xausa não. Foi nomeado para o Tribunal de Contas do município. Então, sempre esteve em tempo parcial. Alguns davam aula, o Sérgio Teixeira dava aula no Julio de Castilhos e na Universidade. Isso era muito comum para tu conseguires ter um salário para fazer as tuas coisas. Então, a Antropologia não tinha tanto atrativo. Enquanto disciplina, em todo o Brasil, até as décadas de 70, 80, era ou de quem ia estudar índio ou era considerada uma coisa mais marginal. O bom era a Sociologia ou a Ciência Política. Os mais politizados iam pra Ciência Política e os que queriam mudar o mundo iam pra Sociologia mesmo. O modelo era a Escola Sociológica de São Paulo, do Florestan Fernandes e de seus assistentes. E a USP, naquela época, era uma universidade de elite. Os

professores davam muito pouca aula. Às vezes, davam aula e escreviam um curso que virava um livro. Então, eram menos alunos. Ainda era no Centro de São Paulo, na célebre rua Maria Antônia, e tu tinhas um grupo pensante de professores lá, principalmente na Sociologia. A Sociologia e a Política se cruzavam, porque tu tinhas, por exemplo, o Fernando Henrique, que quando vai fazer concurso para titular, se candidatou para a Ciência Política que tinha aberto uma vaga. É cassado, logo em seguida, mas abriu uma vaga. Então, tu tinhas um grupo que, com razão, era chamado a Escola Sociológica Paulista, liderada por Florestan Fernandes. Ele queria exercer uma sociologia “científica”, em oposição ao *ensaísmo beletista*, cujo representante máximo era o Gilberto Freire. Eles eram mais progressistas, embora o Florestan tenha passado por tudo que é fase, nacionalista, weberiano, até ele virar mais marxista. Hoje em dia mudou, a USP é uma boa universidade, mas dependendo da área tem melhores e piores. Isso foi um pouco a minha vivência no curso de Ciências Sociais.

Entrevistadores - E quando é que tu começaste a sentir que havia a possibilidade de desenvolver uma Antropologia diferente daquela mais física, mais perto da Arqueologia, por um lado também não uma Antropologia propriamente indígena?

Ruben Oliven - Eu me formei e decidi me profissionalizar. Fui ao colégio em que eu estava trabalhando: “não vou continuar trabalhando aqui. Estou me formando, eu vou embora”. O diretor ficou apavorado. Naquela época, era pleno milagre. Eu me formei em 68, então tudo no Brasil era planejamento. E, então, tinham várias empresas de planejamento no Brasil. E no Rio Grande do Sul tinha a maior empresa, uma empresa chamada PLANISUL. Eu não conhecia ninguém e fui lá na PLANISUL e me apresentei, mostrei currículo: “quero trabalhar”. E disseram: “tudo bem, tu estás contratado”. Comecei a trabalhar nisso. Por um lado era interessante, por outro, eu sempre fiz coisas muito rapidamente. Descobri que a ASPLAN, que era a maior empresa do Brasil, que já estava aqui, tinha sido contratada para fazer o plano global da UFRGS. A UFRGS tinha um reitor que achou que a universidade precisava de um plano. A razão para precisar de um plano é que tinha sido feita a reforma. O regime militar fez uma coisa muito interessante nas universidades. Houve uma modernização conservadora no país, em que aconteceu uma reforma nas universidades. A UFRGS, até aquela época, no fundo, era um conglomerado de

escolas. Faziam vestibulares diferentes, tinham calendários diferentes, provas diferentes. Era uma federação, que escolhia um reitor. E a reforma criou os departamentos, terminou com as cátedras, podia ser mais de um professor titular. Criou um sistema, inclusive, de tempo integral. Teoricamente, tu poderias ter tempo integral. As universidades tinham que se reformar para isso. Então, eles contrataram a ASPLAN. E, quando eu fiquei sabendo disso, eu disse “é isso que eu quero fazer, isso que é interessante. Vou ter que conseguir um empreguinho”. Procurei o cara que era o diretor da ASPLAN aqui, que era um dos donos., fui falar com esse cara e a primeira reação dele foi dizer: “eu não posso te contratar de jeito nenhum, porque tu trabalhas na PLANISUL. E nós temos vários projetos juntos. Se eu for te contratar, eu estou roubando um técnico deles. Isso não é considerado ético”. Fui lá na PLANISUL e me demiti. Fui pra ASPLAN e realmente era mais interessante. E foi uma história de vida também. Trabalhei num setor que era encarregado apenas de analisar toda a parte de ensino e de pesquisa. Isso em 1969. Fui trabalhar lá e me deram várias coisas para fazer. Uma das coisas que eu tinha que fazer era analisar toda a pesquisa na universidade. Tinha 22, 23 anos. Não tinha a menor idéia por onde começar. Eu saí entrevistando, fui mapeando o que tinha de pesquisa. Mas eu tinha que analisar pela parte de extensão, rádio da universidade, coisas assim. E tinha que redigir. O projeto também tinha um monte de coisa de política acontecendo. Tudo acontecia ao mesmo tempo. Mas era muita aprendizagem. Era uma empresa privada. Eu não era funcionário da UFRGS. Então, eles inventaram que tinha que ter um censo docente e discente. Eles cobravam uma nota. Computação era caro. Então, eu também trabalhei nessa parte discente, que era interessante. Dei-me conta que três anos dando aula em colégio tinham me dado uma experiência enorme. E me dei conta de que era aquilo que eu gostava. Falar com aluno, desafio, perguntas, sugestão - tudo eu gostava. Mas estava faltando alguma coisa. Não que eu quisesse voltar a dar aula em colégio particular. Mas eu me dei conta que dar aula por treino foi uma coisa importante e que eu gostava daquilo. A UFRGS estava se expandindo também. Comecei a fazer contato para ver se eu podia dar aula na UFRGS, descobri que eles iam abrir vaga. Mas era meio demorado, tinha falado com o Sérgio Teixeira, que tinha sido meu professor. “Deixa um currículo, a gente vai ver”. Mas a coisa não andava. A ASPLAN começou a entrar em crise, porque o governo não estava pagando o projeto e eles estavam sem dinheiro. Eles foram segurando os técnicos mais graduados para não perder, e

foram botando para fora os magrinhos, como eu. Chegou em março e eu já estava sem dinheiro. Comecei a procurar anúncios no Correio do Povo. Estava escrito assim: “Cargill Agrícola procura pessoa, estudante ou formado em Economia, que saiba inglês”. Não tinha menor idéia sobre o que era a Cargill. Cargill é a maior empresa agrícola do mundo, empresa americana, que funcionava no Rio Grande do Sul também. É uma multinacional basicamente. Fui lá, sabia falar bem inglês. Perguntaram se era esse emprego que eu queria. Achava muito chato o emprego, mas disse “é o meu sonho”. Detestava o trabalho. Bobagem, hoje em dia eu estaria fazendo uma etnografia daquilo. Eu achava que estava me vendendo para o capital, o pior capital, o americano, que enganava as cooperativas. Eu fui levando aquilo, mas fui ao mesmo tempo dando um jeito de ser professor, que é o que eu gosto. Nesse meio tempo, fiz um levantamento econômico do Rio Grande do Sul. Finalmente saiu o contrato da universidade. Em 1970, eu entrei na universidade e fui contratado para trabalhar em regime de doze horas semanais. Saí do emprego que era de quarenta horas para doze horas, na Antropologia. E ainda aconteceu um outro negócio muito bom que o Professor Schmitz, que ainda era o catedrático, na fase de troca do sistema de cátedras pelo sistema atual de departamentos, não tinha me indicado. Mas ele me conhecia e disse que não tinha nada a se opor. Naquele tempo, todas as pessoas que eram contratadas só tinham graduação. Eu fui falar com ele e eu achei que ele ia dizer “faz isso, faz aquilo”, e ele disse: “o senhor -, ele me chamava de senhor -, vai dar uma parte da disciplina de etnologia e etnografia do Brasil, que eram anuais. O senhor vai se envolver com a parte sobre a influência da cultura portuguesa na cultura brasileira”. Isso foi em começo de julho. Eu começava em agosto. Era interessante. “Isso nunca foi dado. O senhor é que vai desenvolver”. Aula eu sabia dar, mas o conteúdo eu não conhecia muito bem. Mas preparei. Poucos dias antes de começar as aulas, me chama o chefe do departamento de Ciências Sociais, que era um cara muito vivo. Ele disse assim para mim: “pois é, a contratação não saiu ainda. Está difícil, tem que ver na reitoria. Sabe como são essas coisas burocráticas. Mas eu estou cuidando. Eu sei que tu estás só em doze horas, ajudaria se tu desses duas disciplinas”. Eu disse que tudo bem. “Então é uma disciplina feita para ti. É uma disciplina que é dada no jornalismo, que se chama ‘Problemas sociais e econômicos’. Tu és formado em Ciências Sociais e Economia. É a tua”. Está bem. E ele disse: “só tem uma coisa, tua turma é meio grande, setenta alunos. Meio problemática, vários professores

começaram a dar aula lá e foram embora”. Eu dava essas duas disciplinas. A disciplina Etnologia e Etnografia no Brasil era dada para a História e para a Geografia. Eu comecei a desenvolver isso e me interessei por essa parte. E a outra disciplina foi uma experiência maravilhosa, era para o pessoal de Comunicação, eu tinha praticamente a idade deles. Eu não tinha dado aula para o curso de Ciências Sociais. No outro ano eu fui dar aula para o curso de Ciências Sociais. O Sérgio foi viajar, fazer mestrado na Unicamp. Ao mesmo tempo surgiu na faculdade de Arquitetura um mestrado em Planejamento Urbano. Como eu não podia viajar ainda, o Sérgio estava saindo e eu estava assumindo, me inscrevi no curso de Planejamento Urbano, um mestrado que eu completei. Foi bom, me permitiu fazer uma dissertação e, ao mesmo tempo, ler o que eu bem entendia. Fui a primeira pessoa a ter dissertação no PROPUR. No outro ano, tinha acabado de serem criados os seminários, foi uma grande revolução no curso de Ciências Sociais. Hoje em dia não é uma revolução, mas naquela época os alunos reclamavam. A grande reclamação era que havia muitas aulas expositivas. Então se criaram os seminários nas três disciplinas. Subitamente fiquei encarregado de dois seminários, seminário I e II. Durava o ano inteiro. Um era sobre culturas urbanas e eu aproveitei para ler tudo sobre cidades que me interessava. O tema começou a se desenvolver na minha cabeça. O que eu gostava era de cidades e o porquê das pessoas serem como são nas cidades. Nunca fui um tipo muito rural, tenho dificuldade com a natureza, mas cidades eu sempre gostei. Em parte, acho que isso tinha que ver com a minha origem. Sempre tive um fascínio em saber por que pessoas tão diferentes moravam tão próximas. E a cidade, no estudo de Antropologia Urbana, parecia que passava por aí. Juntei o mestrado e criei um seminário sobre culturas urbanas, em que eu peguei toda a bibliografia que eu queria ler.

Entrevistadores - Em que ano?

Ruben Oliven - Em 71, 72. Depois, no outro seminário, resolvi pegar outro tema que também me interessava, sobre a questão de comunicação. Peguei tudo o que estava escrito sobre comunicação, fui lendo e fiz um seminário. A simples temática desses temas, independente da minha pessoa, deu um impacto no curso de Ciências Sociais. Os alunos diziam “não é só isso”. São temas diferentes, sobre comunicação ninguém falava, cidades... não é que não fosse uma preocupação sociológica, mas não entrava. Começou a ter muito aluno. Em geral, os alunos vinham, com muita frequência, tudo se reduzia a lutas de

classes, isso e aquilo. Em parte, a gente acreditava, mas eu sempre levava para outros assuntos. Teve um momento, foi interessante, que foi numa disciplina de antropologia que era com vários assuntos, se dividiam em grupo. Porque dar aula expositiva era um pecado. Então, eu dava conferências, mas aula expositiva eu não podia dar. Isso foi até eu ir embora, em 74 fui fazer doutorado. Eu terminei o PROPUR com uma dissertação sobre os moradores da Vila Farrapos. Peguei a Vila Farrapos porque era uma vila planejada, resolvi estudar o que eu chamei de integração sócio-cultural. Inventei o conceito. No fundo era o meu sonho de integrar e a gente acaba projetando. “A integração sócio-cultural da vila Farrapos em Porto Alegre”. Fiz várias pesquisas, várias entrevistas qualitativas e várias entrevistas que depois processadas por computador. A UFRGS tinha um CPD. Trabalhei com esses dois tipos de dados. Aprendi muito, lembro que comecei a me dar conta de como as coisas secundárias são importantes. Comecei a me dar conta das coisas laterais, o não-dito é muito mais importante que outras coisas. Essa pesquisa foi muito interessante, me dei conta de que eu descobri um monte de coisas sobre a vila Farrapos, mas que eu não sabia como era o resto. Eu não tinha comparação nenhuma. Como é que era o resto? Então, no doutorado eu resolvi fazer uma pesquisa em que eu comparava cinco diferentes grupos urbanos. Peguei um grupo mais popular ainda que a Vila Farrapos, que era a Vila Maria da Conceição, que era chamada Vila Maria Degolada, era uma favela. Peguei Navegantes, que era um bairro operário clássico. Cidade Baixa, que não era como é hoje em dia, era um bairro mais classe média baixa. Petrópolis e Três Figueiras, que antes de ter Bela Vista, era o bairro mais rico de Porto Alegre. Comparei estes cinco grupos em vários aspectos. Eu não queria pegar um tema só. Então eu resolvi olhar para aspectos como família, religião, vida associativa e lazer, educação, trabalho e política. . Fiz várias entrevistas qualitativas e quantitativas, juntei os dados e fui pra Inglaterra fazer doutorado. Resolvi ir para Londres, porque eu estava interessado em cidades, sempre quis morar em cidade grande. Saí do Brasil no meio dos anos de chumbo do regime militar, subitamente estava numa universidade em que podia discutir o que bem queria. E mais do que isso, pessoas faziam críticas, criticavam uns aos outros nos seminários. Depois iam juntos beber no bar. “Estou criticando teu trabalho, mas não estou criticando a ti”. E as pessoas dissociavam o lado acadêmico do profissional, e achavam que o fato de tu estares me criticando significa que tu estás te importando com o meu trabalho, se não tu não estarias perdendo tempo. Então,

realmente, eu comecei a me dar conta que uma vida intelectual importante não misturava o pessoal. Também estudei numa faculdade, a *London School of Economics and Political Science*, que é uma das melhores escolas de ciências sociais do mundo. Eu acho que eles ainda tem a melhor biblioteca de Ciências Sociais do mundo. Tinha tudo e numa época anterior à Internet, tinha uma sala que tinha censo de tudo quanto é lugar do mundo. Precisava saber a população da Tailândia na década de 1920, ela tinha. Tinha tudo quanto era revista . Olhando esses dados depois [*coletados para sua pesquisa de doutorado*] eu mostrei que havia uma série de teorias naquela época que diziam que a cidade causava uma série de mudanças culturais. Boa parte dessas teorias argumentava que estava ocorrendo uma homogeneização de populações urbanas. A população urbana tenderia a ficar mais parecida entre si e também mais parecida entre cidades de outros lugares, era uma coisa muito universalista. A pesquisa de minha tese mostrou que as coisas eram bem mais complexas. O doutorado foi uma grande aprendizagem, em termos de estar em um lugar internacional, de ter contatos, também fiz uma série de coisas. Também teve outra coisa. Desde que eu comecei a dar aula e eu decidi que tinha que escrever, comecei a escrever desde o começo. Meus primeiros artigos saíam no caderno de sábado do Correio do Povo. O Correio do Povo ainda era o jornal, tinha um caderno de sábado apelidado de “Suplemento Rural das Letras Gaúchas”. [risos] Mas ele tinha um impacto grande. Depois de terminar o doutorado eu publiquei vários artigos e também minha tese que eu traduzi e que foi publicada sob forma de livro com o título de “Urbanização e Mudança Social no Brasil”. Quando eu voltei, estava muito preocupado que eu ia voltar para o Brasil e como é que ia ser. E, ao mesmo tempo, eu disse “não quero perder toda essa liberdade”, que eu tinha na Inglaterra. Morar na Inglaterra fez com que eu tivesse uma visão bem distanciada do Brasil. Começar a me dar conta do quão brasileiro eu era, pelo fato de estar na Inglaterra. Comecei a me interessar pela cultura brasileira de forma mais sistemática. Terminei a tese em setembro de 1977 e a gente só voltou em março de 1978. Depois da tese, eu passei uns meses em Paris na Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales. Mas antes de ir para Paris, escrevi um artigo em pouquíssimo tempo, em uma semana, que era uma espécie de plataforma. Saiu publicado depois No *International Journal of Urban and Regional Research*. Em inglês, se chamava “*Culture rules ok: class and culture in Brazilian Cities*”. *Rules ok* é uma expressão inglesa que diz que é legal. Mas *to rule*

também é governar, mandar. Então, “*Culture rules ok*” era um jogo de palavras. Cultura é legal, mas cultura também manda, também governa. E o subtítulo “Cultura e classe na sociedade brasileira” era uma tentativa de juntar a velha problemática de classe, que tinha me influenciado muito, com a questão de cultura. Isso virou uma espécie de quase uma plataforma do que eu queria fazer no Brasil - eu queria não parar de trabalhar com urbanização, mas entrar fundo na questão da cultura. Coincidiu que eu voltei para o Brasil, e era o começo da abertura política. O Brasil tinha mudado completamente, mas ainda tinha ditadura. Começo de março de 78, eu voltei para o Brasil. Aí o Campus do Vale já estava aqui [no bairro Agronomia]. Voltei e eu era um problema do departamento de Ciências Sociais. Até então era Benjamim, todo mundo sempre me chamava de Benjamim. Comecei a dar aula, voltei, eu era doutor. Boa parte não era, então era uma situação diferente. Nesse meio tempo, tinha havido uma situação que o Mauro deve conhecer, vocês também conhecem, que é o seguinte, o Ferraz, principalmente o Ferraz e o Hélió, resolveram criar um mestrado em Ciências Sociais. Era muito difícil fazer a criação do mestrado, porque tinha que fazer essa costura, e o Ferraz sempre foi um político muito hábil. Então ele teve que convencer o Professor Laudelino Medeiros, de que o curso que ele estava criando não ia concorrer com o mestrado em Sociologia Rural que já existia e onde o Professor Laudelino lecionava. E ele conseguiu. Então ia ter um mestrado em Ciências Sociais com três áreas. Quem foi consultado sobre a área de Antropologia foi o Professor Schmitz, que era o catedrático.

Entrevistadores - Antes tinha um curso de especialização em Antropologia?

Ruben Oliven - Não havia ainda especialização. Eles criaram o mestrado e tinha que consultar os catedráticos: os professores Laudelino e Schmitz. O Professor Schmitz fez um programa de Antropologia que era assim: Pré-história da América 1, Pré-história da América 2, Arqueologia 1, Arqueologia 2, o que tinha mais vagamente perto de mim era Antropologia Econômica, já que eu era também formado em Economia. Sugeri que colocássemos uma disciplina de “Culturas Urbanas”, mas ele não concordou. Não havia condições. Veio uma comissão da Capes que tinha que aprovar, olhou o negócio e disse “olha, o programa da Sociologia, da Ciência Política está muito interessante, mas Antropologia não tem nada a ver com os outros dois. E tem poucos professores”. Então a

Antropologia não entrou no mestrado o que aparentemente era um azar, mas se revelou ser uma sorte. Naquele momento, para mestrado nós não tínhamos fôlego.

Entrevistadores - Quem eram os professores? Você, o Schmitz...

Ruben Oliven - Eram cinco pessoas: Sérgio, Rabinho, Brochado, Schmitz e eu. A maior parte em tempo parcial. Nessa altura eu já estava em tempo integral, mas o Schmitz era tempo parcial... Até a gente conseguiu uma vaga para ser preenchida por concurso. O Departamento de Ciências Sociais ganhou duas vagas. O Professor Laudelino queria ficar com as duas vagas para a Sociologia. Eu disse para o Professor Schmitz: “nós temos que pleitear as duas vagas”. Ele me respondeu: “Mas o senhor está louco. Como nós vamos pleitear duas vagas?”; e eu respondi “Vamos pleitear as duas para ganhar uma”. “Então o senhor tente”; “Eu não, o senhor tente”. [risos] Ele era tímido. A gente acabou ganhando uma. Entrou uma professora, e quando eu estava na Inglaterra, ela era casada com um psicanalista, eles tiveram uma criança e chegaram à conclusão que a mãe é muito importante [riso]. Ela se demitiu. Ela era muito inteligente. Aí eu voltei. Éramos nós. A Maria Noemi, que faleceu depois, era técnica em assuntos educacionais da reitoria e a gente conseguiu que ela fosse cedida. Ela dava aula em desvio de função na graduação. Estava fazendo mestrado na Unicamp. A Cláudia Fonseca, americana casada com um brasileiro, mandou uma carta para várias universidades, inclusive aqui, se oferecendo e a gente pegou ela, sem conhecer nem nada. Ela também tinha mestrado e não tinha doutorado. Então quando a gente não conseguiu criar o doutorado, eu disse: “vamos criar um curso de especialização”. Foi nossa sorte, começamos mais devagar. Em 1974 teve o primeiro curso. Só quem dava aula era eu, o Schmitz, convidamos uma pessoa de Santa Catarina, convidamos Peter Fry e tinha uma doutoranda americana que estava fazendo pesquisa de campo, deu uma aula no curso também. Teve mais duas edições. Quando eu voltei, estava terminando o curso, criamos o mestrado. A reitoria aprovou com a condição de a gente entrar junto com a Sociologia e com a Ciência Política. Ficou junto uns anos e depois se separou. O que aconteceu nesse período foi que quando eu voltei, as pessoas estavam falando as coisas no Brasil muito mais que antes. Em 74 tinha que ter todo cuidado, nunca sabia onde estava pisando. Agora as pessoas estavam criticando. Tinha imprensa alternativa, chamada imprensa *nanica*. As coisas estavam se reorganizando. Começou a ter uma proliferação de novas identidades sociais e novos atores sociais. Grupos do verde,

ecologia. Gabeira voltou e vestiu aquela célebre sunga dele de crochê. Perguntavam para ele quando ia ser a revolução. Ele disse: “não estou disposto a esperar que venha a revolução para ter direito ao orgasmo. Estou preocupado com a minha sexualidade” e colocou a questão da sexualidade. Movimentos femininos, movimentos gays. Eram mulheres que faziam abaixo-assinado, mandavam cartas dizendo que os preços estavam subindo. Uma série de coisas que mostravam uma forte organização da sociedade civil. Todos os grupos afirmando “sim, somos brasileiros, mas temos uma diversidade própria que não nos caracteriza”. “Nós somos mulheres. Isso é importante”. “Nós somos gays”. Aqui no Rio Grande do Sul, começou o tradicionalismo a ficar forte. “Nós somos brasileiros, mas somos gaúchos”. Então, tudo isso começou a surgir muito fortemente, a cultura sempre estava nisso. No Brasil toda a Antropologia começou a ter um *boom*, porque ela começou a tratar dessas temáticas que parte da Sociologia não tratava. Digo parte porque não quero ser injusto. Roger Bastide sempre tratou de religião, Maria Isaura Pereira de Queiroz sempre tratou do Carnaval, tinha uma série de pessoas que faziam, mas não era campo privilegiado. A antropologia rapidamente se *adonou* disso e começou a estudar os temas mais loucos: saunas, homossexuais, casais grávidos, tudo que era considerado meio exótico. Havia muito *oba-oba* nisso também, mas havia um novo campo que começou a surgir e começou a se estruturar nacionalmente também. A ABA tinha sido recriada... Quer dizer, tudo isso estava literalmente pipocando, tinha a ver com cultura. Eu entrei de cheio nisso, comecei a dar aula sobre sociedade e cultura no Brasil e também tinha um seminário sobre urbanização e mudança social na América Latina, juntando as duas coisas...

Entrevistadores - Na graduação ou na pós-graduação?

Ruben Oliven - Nas duas coisas. Na graduação eu dei Seminário envolvendo basicamente a questão da indústria cultural e cultura popular, dei uma disciplina também que era sobre Antropologia Urbana. Na pós-graduação eu dava disciplina sobre urbanização e outra sobre sociedade e cultura. Não estou dando mais nenhuma dessas duas matérias. E ao mesmo tempo nacionalmente começou a surgir uma série de coisas. Até então eu tinha tido alguns contatos nacionais. Fiz parte de um grupo que avaliou a pós-graduação em Antropologia, uma reunião do Museu Nacional – pequeno. Eu tinha ido a SBPC, eu tinha ido fazer um seminário de duas semanas em Belo Horizonte. Mas não tinha muita circulação. Quando eu voltei, subitamente, eu me dei conta que estava se estruturando um panorama nacional. A

ABA tinha sido recriada – fazendo reuniões –, então eu rapidamente entrei nisso. Acabei entrando no Conselho Científico da ABA. Aí surgiu a ANPOCS e eu acabei entrando em uma diretoria da ANPOCS. Ajudei a criar, junto com Renato Ortiz, um grupo sobre cultura brasileira, um grupo muito atuante durante anos... E se reunia na ANPOCS. Publicou uma série de revistas. Primeiro tinha discussão sobre o que era cultura brasileira, quem definia, quais eram as polêmicas. Segundo qual era a relação disso com cultura popular. Também aqui no mestrado muitos alunos fazendo teses sobre televisão, sobre bailões, sobre tudo que é tipo de assunto. Então passou a haver um crescimento grande desse tipo de coisa. Coincidiu que começou a haver o renascimento da cultura gaúcha, tema com o qual eu não tinha a menor afinidade, porque eu sempre fui urbano, meus pais eram imigrantes, eu não entendia nada, não sabia onde ficavam cidades no interior... Fui conhecer primeiro o exterior, depois o Brasil, depois o Rio Grande do Sul. As pessoas sempre diziam “tu estás estudando cultura brasileira... E a cultura gaúcha, ouvi falar”. Comecei a estudar isso, caí de cheio num tema quentíssimo, que estava começando a pipocar: cinquenta festivais de música, polêmicas, crescimento do MTG, esse tipo de coisa... Comecei a estudar e acabei descobrindo que muita gente que se fazia de grande confundia maragato com chimango. Comecei a estudar o negócio e vi que tinha muito chutador, mas a reação das pessoas do Brasil era muito estranha. Ou brincavam comigo “agora vai começar a andar *pilchado*, fazendo sotaque”. Tendo lido coisas sobre o humor. Eu me dei conta que tu sempre fazes piada sobre coisas que são meio difíceis de falar. Faz piadas sobre sexo, sobre raça, então no fundo aquilo estava incomodando. Ou até pessoas, amigos meus, pelo Brasil, que me advertiam “tu já fizeste um nome estudando urbanização, tens livro sobre isso...” - eu tinha publicado um outro livro chamado “Violência e Cultura no Brasil”, sobre cultura no Brasil - “Agora tu vais retroceder para um negócio menor, cultura regional”. E digo: “olha, eu acho que não é um negócio menor, eu acho que...”, - naquele tempo não se falava em globalização - “...é um fenômeno mundial, está acontecendo em escala mundial e eu quero estudar”. Foi um pouco por aí que eu fui, tentando explicar o nacional, como o nacional recria o regional, como o moderno recria a tradição. Depois fui para os Estados Unidos, passei um ano e meio lá, como *visiting scholar* na Universidade da Califórnia em Berkeley, acabei dando um curso sobre identidades nacionais e vi em vários países como é que isso acontecia. E isso acabou na pós-graduação, várias pessoas trabalhando com temas

parecidos, ou com outros temas... A pós-graduação cresceu muito. Uma época em que todas as pós-graduações cresceram e acabaram se separando, ficaram três pós-graduações diferentes, mas com alunos podendo fazer disciplinas. E acabou desenvolvendo esse tipo de coisa.

Entrevistadores - Nessa época, como era a relação entre as áreas do curso, Antropologia, Sociologia, Ciência Política?

Ruben Oliven - Ciências Sociais era Sociologia. A Política ficou forte porque ela conseguiu um dinheiro da Ford, porque ela tinha uma especificidade que era a parte de entender partidos políticos – e que se unia nacionalmente com outros estudos que a Ford financiava. A Ford na década de 60 e 70 estava preocupada com a redemocratização e dava muito dinheiro para as Ciências Sociais, para estudar Ciência Política. E teve um curso de pós-graduação em Ciência Política que praticamente foi criado pela Ford em Belo Horizonte. Eles criaram um departamento de Ciência Política que eles pagavam os salários e que funcionava na reitoria, no andar de cima do reitor. Era o tal do curso lá em Belo Horizonte. Isso era considerado uma coisa importante, Antropologia não era importante. Do ponto de vista de relacionamento havia uma certa convivência em que *catedráticos botavam ordem no galinheiro*. Eram os catedráticos que mandavam e mais ou menos se respeitavam. O Laudelino era um catedrático forte porque ele era bi-catedrático. Era catedrático de Sociologia na Faculdade de Filosofia e na Economia – era diretor da Economia. Ele tinha certamente desavenças grandes com o Xausa – o Xausa era um cara liberal, liberal de esquerda. O Laudelino era um cara muito mais conservador, no verdadeiro sentido, mas os dois eram católicos, e o Schmidt era padre jesuíta. Então nesse ponto eles tinham uma coisa que os juntava, comungavam. Eu, obviamente, estava fora [risos]. Então comungavam e tinham os assistentes. Mesmo depois, quando não tinha mais a cátedra, bom... “O cara ainda é o catedrático”. O Xausa foi cassado em 69. O Xausa fez uma coisa muito corajosa, mas muito suicida. Quando o Florestan Fernandes, o Fernando Henrique e outros foram cassados em 69, ele fez um protesto formal no departamento e pediu pra constar em ata. E todo mundo perguntou: “constar em ata?”. E ele mandou constar em ata. É claro, o pegaram e cassaram, foi um golpe muito forte na Política. A Sociologia não teve ninguém cassado. A Antropologia também não. Tinha uma época que o departamento era pequeno. Tinha até uma janta no final do ano que todo mundo ia. E também vários dos professores eram em

tempo parcial. A convivência era geral, mas começou a crescer, o departamento de Ciências Sociais começou a ficar maior, e começou a haver mais disputas. A área mais forte era a Sociologia porque ocupava mais espaço. A Antropologia sobrava ali. O Schmitz não era de briga, o Rabinho menos ainda e Brochado nem sabia o que era uma briga. Então a briga era com o Sérgio e eu. Quando o Sérgio estava viajando era eu. O Laudelino não gostava, ficava bravo porque eu o afrontava, “quem era eu para...”, mas afrontava educadamente, eu dizia: “olha professor, nós estamos precisando de vaga”. Ele não gostava nem um pouco. O que aconteceu: foi crescendo, crescendo e se criou o mestrado. E o mestrado em um certo momento começou a ter muito conflito.

Entrevistadores - Entre as três áreas?

Ruben Oliven - A Sociologia e a Política. Quando eu terminei o mestrado, me convidaram para dar aula. Eu dei aula um pouco antes de ir para a Inglaterra, dei uma disciplina, era professor formalmente. Quando eu voltei, eu passei a ser um problema. Primeiro porque eu voltei com doutorado – havia vários professores de outras áreas que tinham saído e não tinham terminado o doutorado. Então o simples fato de eu ter terminado incomodava. Segundo que a Sociologia tinha recriado o programa, havia feito um programa que era uma coisa estranhíssima: “Capitalismo I, Capitalismo II...”. Era o velho modelo para explicar a realidade que já não conseguia mais dar conta. Era todo explicadinho, mas como tu tinhas que ajeitar horários de professores, tu tinhas, às vezes, “Capitalismo II”, antes de “Capitalismo I”, ou “Feudalismo” depois... Era a ordem anárquica daquela coisa que deveria fluir. Eu era professor, não podiam dizer que não poderia dar aula, e eu tinha dado aula na Sociologia oficialmente. Perguntaram que disciplina eu queria dar e eu disse “olha, eu posso dar tanto ‘Sociedade e Cultura no Brasil’ como ‘Urbanização e Mudança Social na América Latina’”. Se reuniram e disseram que isso não se encaixava no programa – não fazia parte do esquema. “Sobrou para um de vocês, essas matérias também vão ser dadas”. Se reuniram, se reuniram, se reuniram e disseram: “bom, então tu podes dar essas disciplinas desde que conste na frente “Antropologia Social:”. Me dei conta do seguinte: “estão acabando de me ajudar a criar um mestrado em Antropologia”.

Entrevistadores - Quem criou a disciplina de Antropologia, então, foi a Sociologia na realidade... [risos]

Ruben Oliven - No mestrado sim, quer dizer, acabou que sim. Quando a gente foi pedir a criação depois já existiam duas disciplinas. Eu recebi um recado que dizia assim: “cria um mestrado em Antropologia porque está incomodando”. A gente tinha feito três cursos de especialização, eu tinha doutorado. O Schmitz e o Rabinho tinham feito livre-docência, que era uma coisa que se poderia fazer que dava o título de Doutor oficialmente. O Sérgio era mestre, a Cláudia, que a gente recém tinha incorporado era mestra e estava fazendo doutorado e a Noemi estava fazendo mestrado – naquela época era bastante. Fizemos um projeto que foi para Reitoria, ficou horas lá. E eles criaram, só que a Sociologia e Política estavam brigando ainda feio. Eles disseram “você estão aprovado, mas vão ter que entrar juntos”. Não tinha, ou aceita ou não sai. “Está bom”, a gente entrou, mas com seleção própria, com alunos próprios. Sempre assim: havia muitos alunos da Sociologia e da Política fazendo disciplinas nossas. Tratávamos bem, tratávamos igual. Deu um conflito enorme de quem iria coordenar, quem não iria coordenar. Acabaram fazendo um pacto que chamou “Pacto do Campus do Vale”. Foi uma briga entre Sociologia e Política: a Política estava coordenando já há muito tempo, a Sociologia queria coordenar, deu uma briga, eles não sabiam como sair dela e disseram “bom, então vamos fazer uma coisa de rodízio”. A cada dois anos muda o rodízio e sempre vai haver seis membros da comissão coordenadora – que era uma coisa muito grande, dois de cada área – e o coordenador muda. Foi pra Sociologia e dois anos depois quem é que foi pela Antropologia? Sobrou pra mim. Eu não estava a fim, era muito trabalho, mas tive que pegar. “Então vamos ver como é que está”. Havia vários alunos que não tinham orientador, tinham alunos que estavam há não sei quantos anos... Bom, a gente meio que colocou ordem no curso e foi o período que mais teve teses de Sociologia e Ciência Política, porque o coordenador de 82 à 83... De 83 à 84, um número enorme de alunos que estavam trancados que a gente colocou para defender. O curso foi crescendo, crescendo, crescendo e ao natural a gente chegou à conclusão que deveria separar e a gente separou. E a partir de 1º de Janeiro de 85 começou a funcionar três cursos separados. E funcionou muito bem. É um pouco como o casamento: tu estás junto, estás brigando, estás brigando... Tu separas que fica mais fácil. Nós temos uma ótima relação, por exemplo, o fato de a Sociologia ter ido para 6, nota recebida na última avaliação feita pela Capes, agora [em 2007, ano anterior ao da entrevista], a mim e meus colegas deixa contente, porque a gente acha o seguinte: nós estamos competindo com outro

cursos de Antropologia, não com a Sociologia daqui. Quanto mais forte for a Sociologia e a Ciência Política daqui, melhor.

Entrevistadores - Mas que impacto o senhor acha que isso trouxe para a graduação?

Ruben Oliven - Na graduação... Deixa-me chegar na graduação porque tem que chegar no departamento. O departamento continuou junto. E o departamento era qualquer coisa. Ele tinha assim...

Entrevistadores - Tinha “EPB”, não é?

Ruben Oliven - Tinha “EPB”, “Introdução à Sociologia”, “Sociologia”, “Política” e “Antropologia”. Antropologia era a menor área, era pequena. E eu sempre tentando conseguir mais vagas. A Política era um pouco maior, a Sociologia era grande. Havia “Introdução à Sociologia”, que era uma disciplina do básico, havia várias pessoas, alguns bons, mas outros muito fracos foram incorporados com a greve – foi uma primeira greve que a gente fez, que eu participei, que eu fui presidente da comissão de ética – que acabou pegando todos os horistas e transformando em assistentes; nem foram professores auxiliares, foram direto para assistentes. E esses caras deram “Introdução à Sociologia” e, o pior, “EPB”, que era uma disciplina obrigatória para toda Universidade. Essa disciplina, com a Reforma Universitária, com a greve, eles acabaram lotados em nosso departamento. E era gente muito complicada, com um nível muito baixo, muito baixo.

Entrevistadores - Também politicamente complicado... pessoal ligado à repressão...

Ruben Oliven - À repressão. Teve um episódio, inclusive foi o seguinte: surgiram três vagas no departamento. E a “EPB” queria três vagas para eles – eles davam para não sei quantas turmas. A gente inventou o seguinte: o departamento é de Ciências Sociais, qualquer professor tem que ser capaz de dar “EPB”, o professor após contratado poderia dar “EPB”. E a gente até achava ótimo, entrar alguém bom e começar a dar bem “EPB”. Eles tiveram que concordar, mas eles iriam ser parte da comissão que iria fazer o programa. A Antropologia se reuniu e fizemos um programa entre a gente, chegamos até a um acordo. Fomos para reunião. Quando chegamos na reunião o cara de “EPB” vem com um programa que começava assim: “Valores brasileiros universais permanentes”, “Valores brasileiros permanentes”...A gente olhou aquilo... Se a gente não se acertasse iria perder no voto.

Entrevistadores - “Segurança Nacional”.

Ruben Oliven - “Segurança Nacional”... A gente olhou e eu disse: “olha, esse assunto é muito interessante, mas eu já estive em vários concursos no Brasil e o programa de Antropologia em geral tem um outro formato que dá conta disso, nós temos uma sugestão aqui, então o senhor vê aqui, ‘Valores universais’ está em ‘Cultura Brasileira’” [risos]. Ele era um pastor, e disse assim: “é verdade que tudo que é aluno de Ciências Sociais é ateu?”. “Olha, eu não posso falar pelos alunos, tem de tudo que é tipo, tem ateu, tem religioso, mas nós damos muito valor à religião, tanto é que, olha aqui, é um ponto do programa: ‘Religião e Sociedade’”. “Então está bom”. Era assim, tu tinhas que brigar por isso. Eles não eram muito inteligentes, mas davam um trabalho que era um horror. A Antropologia disse: “olha, nós vamos criar um departamento próprio”. A Sociologia não queria separar: “não te dou o divórcio” [risos], mas nós: “nada contra...”. Olha, aquilo demorou anos. E em 1984 separamos. Eu acho que foi bom. Primeiramente porque era inevitável. Os departamentos são grandes, vamos fazer um departamento – acho que tinha noventa pessoas. Não era um departamento. Segundo que no Brasil todo tu já tinhas a separação natural em uma Universidade. Então a separação foi boa, mas a consequência no curso de Ciências Sociais eu não sei. Eu tenho uma teoria assim... Eu vou desenvolver uma teoria conservadora, eu acho o seguinte: o curso de Ciências Sociais não tem dono – dono no bom sentido. É um pouco assim: a pior coisa que pode haver é ser cachorro e ter vários donos. Tu vais descobrir que cada dono vai achar que hoje não era o dia de lhe dar comida e tu vais passar fome. “Esse é meu dono, pode até me dar ponta-pé todo dia, mas vai ter que me dar comida”. Então, tu tens na pós-graduação um grupo de professores que diz: “temos que formar um aluno de Sociologia”, então vamos formar assim ou vamos formar assado. Pode ser melhor ou pior, mas é assim que vai formar. Pós-graduação também decide, “nós vamos fazer seleção todos os anos ou a cada dois anos? Nós vamos fazer em Dezembro, nós vamos fazer em Janeiro, vai ser prova escrita, vai ser projeto? Que disciplina tu vais ter?”. Se tu tens um problema, o coordenador vai lá e chama o aluno, o aluno vai lá e diz o que está havendo, “por que tu não estás fazendo trabalho, estás com problema de saúde? Então nós vamos resolver”. Bem ou mal, funciona. Antigamente os cursos eram cursos seriados. Curso seriado tem uma desvantagem: tem pouca possibilidade de escolher, mas tu estás em uma turma e a turma é um referencial, tu entras junto, tu podes fazer amizade com alguns,

inimizade com outros, tu estás competindo, tu estás colaborando. Mas é aquilo de dar um parâmetro. Mas as Ciências Sociais... a graduação tem muito o seguinte: tu vais dar aula e tem vários alunos que não se conhecem. Um está em um ano, outro está em outro ano. E tu não tens aquele contato tão direto de saber quem é que está agindo. O que é quase inevitável pelo número de alunos e pela burocratização. A maneira como foi criada a pós-graduação no Brasil e a maneira como foi feita a reforma, em parte é responsável por isso. A reforma criou os departamentos, mas ela criou também uma enorme atomização. Então é o departamento que distribui professores, mas se tu fores olhar pelos nossos departamentos... O certo é que o departamento tem muito pouco poder, ele basicamente faz a lista de disciplinas, vê que professor vai dar aula e faz a escala de férias do departamento. Um coordenador de pós faz muito mais: ele discute a seleção, como é que vai ser a seleção, ele luta por bolsas, ele ajuda a decidir se um aluno vai ser desligado, se não vai ser desligado, se é um problema real, não é real. Tu tens um controle maior sobre aquilo...

Entrevistadores - Inclusive do conteúdo pedagógico? Linhas, pesquisas... O planejamento do curso?

Ruben Oliven - O conteúdo pedagógico também. Claro, tens toda razão. Na graduação é mais solto. O aluno sofre muito isso. Um aluno que vem de um colégio – pode ser melhor ou pior – ele tinha uma proposta. Por mais pobre que fosse a proposta, ele tinha uma proposta. Ele faz um cursinho, por mais máquina de passar no vestibular que é o cursinho, ele tem um objetivo: te fazer passar. Ele está lá organizado. Na graduação é muito solto. Um problema que eu tive na graduação era que os alunos diziam: “tem só problema, nós não temos tempo, não temos isso...”. Eu dizia assim: “se eu for começar a lidar com todos os problemas eu não vou conseguir dar aula”. Então chegou a um ponto em que eu tinha alunos que trabalhavam e eu dizia: “olha, vamos fazer uma seleção de textos que vocês conseguem ler no ônibus. Então vai ter um texto a cada semana”. Sempre tinha uma história na qual eu não conseguia agir e também não tinha com quem eu pudesse falar. Eu não tenho a solução para isso. Em parte, eu tenho uma crítica muito grande à burocratização geral que está havendo nas instituições brasileiras e particularmente na vida universitária; em tudo, CAPES, CNPq, qualquer coisa é no computador, tranca, mas aí tu tens a figura da “quebra do requisito”, cria certos conceitos, cria um conceito que não existe que é o “não informado”. Então tu juntas o que há de mais moderno com o que há de mais

tradicional, não se combina. E eu acho que os alunos são pegos nisso. O aluno, no fundo, tem que achar o seu caminho. Não é que “achar o seu caminho” seja ruim, eu acho bom, não precisa dar tudo mastigado, mas eu acho que tem muita dispersão, que talvez não precisasse. E a outra crítica que eu tenho é uma coisa quase que em nível nacional... Esses dias teve um professor nosso que disse que havia nove cursos de graduação. “Como nove cursos de graduação?”. As regras estão mudando tanto que tu tens situações de alunos que estão em nove situações diferentes quanto à obtenção de créditos. E eu digo “mas como é que vocês me permitem isso?”. “Ah, eles estão mudando em federais, a gente recebe pronto”. Tu não tens muito o que fazer. A outra questão é que os currículos mínimos te exigem muita disciplina. O aluno assiste muita aula, lê relativamente pouco e escreve menos. Eu acho um grande problema do nosso aluno é que ele não sabe escrever. E escrever tudo bem... Tem pessoas que têm mais talento ou menos talento, mas vida intelectual é treino. Eu pego os meus alunos de pós-graduação... Todas as aulas eles têm que escrever um texto de três páginas levantando questões. De algum jeito, tu tens que começar”. Essa é em parte uma grande diferença entre uma Universidade boa do Brasil, como a nossa e uma Universidade boa no exterior. O aluno no exterior escreve. Escreve começo, meio e fim. Tu podes discordar, podes achar que ele está fazendo bobagem, mas é um texto coerente. E eu acho que isso se ensina muito pouco na graduação. Isso é uma pena, porque em qualquer coisa que tu trabalhares, quer dizer, um aluno que sair pra trabalhar em uma ONG, um partido político... Se ele tiver um bom texto ele está anos-luz na frente da outra. Se tu pegares e disseres assim: “olha aqui, me faz um texto explicando o que tem de importante, tua opinião...”. Saber escrever um bom texto é um diferencial monumental, porque é relativamente pequeno o número de pessoas que sabem redigir às vezes coisas simples no Brasil. Em parte porque tem muita aula e pouca leitura e pouca elaboração de texto. Então, eu acho que o aluno sofre com isso e como não é exigido... Eu acho bom que tenha que fazer um trabalho de conclusão de curso. Agora, a impressão que às vezes eu tenho é que quase não há trabalho, então chega no final tem o trabalho de conclusão de curso. O aluno está sofrendo, começa a falar, e aí às vezes eu digo: “mas vem cá, trabalho intelectual não foi feito pra sofrer, alguma coisa está errada”. Tu estás fazendo em uma dissertação, um trabalho de conclusão de curso e tu estás sofrendo, é como um pianista dizer “estou no piano e estou sofrendo dedilhando”. Bom, então tu não podes ser

pianista, tu estás sofrendo dedilhando. É muito difícil resolver, é uma coisa que dá pra dizer que tem muita burocracia, o que na pós-graduação não tem porque a pós-graduação foi criada mais tarde e foi criada com mais flexibilidade. Em um outro contexto, mas que é um problema, eu acho que é.

Entrevistadores - Professor, voltando um pouco no tempo, na década de 70 que o senhor era professor da graduação, tem a questão da reestruturação curricular. O senhor, como professor, como viu essa reestruturação curricular nas três áreas?

Ruben Oliven - Mas eu acho que quando tu tens uma coisa que está boa que melhora já está bom. Eu acho que o serviço público, há um problema assim: todas as pessoas estão sempre revendo a ordem. Então quando alguém diz assim: “eu vou fazer uma mudança”, eu digo: “então tem que valer cinco anos, pelo menos, porque nós não vamos, ano que vem, mudar de novo”. Eu não tenho nada contra mudar currículo ou coisa assim, o que eu acho que não pode fazer é uma *curriculotite*, que fica mudando o tempo inteiro, porque qualquer coisa pode funcionar de várias formas. O que é basicamente um bom curso de Ciências Sociais? É tu teres certa quantidade de disciplinas que tem uma concepção do que o aluno tem que aprender, professores que sejam bons, que estejam motivados, que queiram dar boas aulas, que cobrem dos alunos... Pois outro problema é o seguinte: “me engana que eu gosto, eu faço de conta que estou te ensinado e tu fazes de conta que está aprendendo e terminou”. Um professor que cobre minimamente... Pode até fazer um acordo, pode dizer: “bom, um aluno que estuda de noite não pode estudar tanto, o que é que tu vais estudar? Só pode ler cinco páginas? Eu posso trabalhar contigo cinco páginas. Tu lêes cinco páginas que eu posso te dar aula, não é igual a cinquenta, mas dá pra dar aula”. Então tu tens um acordo honesto, decente e o aluno aprende minimamente a ler um texto, a interpretar, a escrever e minimamente se interar sobre aquilo. É isso, não tem muito mistério. Eu não sei, já passou por tantas reformas que eu nem me lembro de todas e também não ligo muito. Tendo a achar que é muito investimento na reforma e muito pouco no conteúdo.

Entrevistadores - Ainda sobre os impactos na graduação e ainda a relação entre pós-graduação e graduação, que influência há, como o senhor avalia a criação dos núcleos de pesquisa em Antropologia?

Ruben Oliven - Eu acho núcleos uma coisa interessante e que tem a ver com o crescimento natural da área. Quando o curso começou a crescer a gente criou um laboratório de Antropologia. Te confesso que no início era uma maneira de conseguir uma sala a mais, criar um laboratório a gente consegue... É assim que consegue mais espaço, mais professor. Bom, mas o laboratório, no começo, iria se ocupar em fazer uma história da Antropologia no Rio Grande do Sul. No começo, nós tínhamos uma idéia que iria ter um banco de dados que funcionaria para todo mundo, depois a gente se deu conta que não funcionava... E iria ser um espaço de discussão. E isso, aos poucos – o laboratório continuou existindo – deu origem aos núcleos, tem vários núcleos na Antropologia, na Sociologia também. Ativos, todos são, mas alguns são núcleos que se reúnem muito, o que é muito bom pro aluno – o professor reclama, diz: “eu não aguento mais ficar vindo para reunião, minha sala está cheia de aluno”; outros têm menos reuniões. Eu acho núcleo interessante porque ele agrega pessoas. Eu faço um pouco o discurso contrário, atualmente eu brinco que estou virando um jovem anarquista... Então o que tem por trás do jovem anarquista, eu vou dar um exemplo: eu dou uma disciplina no doutorado que se chama “Seminário de Doutorado” que é uma disciplina obrigatória e eu já fiz várias experiências. A que eu faço atualmente é a seguinte: o foco da disciplina é a relação entre o pesquisador e a pesquisa – o doutorando vai virar pesquisador. Então não tem um conteúdo, como é que eu faço? As três primeiras sessões são minhas, então eu chamo de “veredas”. Eu sempre ponho textos que eu quero ler e como eu quero ler os alunos também têm que ler – porque é um texto que eu imagino que interessa, pelo menos eles não dizem que não interessa [risos] –, depois eu convido pessoas nas mais variadas situações, desde alguém muito consagrado, pessoa que está no final de carreira que está vindo para Porto Alegre, ou aluno. No começo eu só convidava pessoas que já tinham doutorado – alguém que recém terminou o doutorado, agora eu estou convidando pessoas que irão fazer doutorado-sanduíche. Eu peço para eles que na primeira metade do seminário eles falem da sua trajetória: “meu pai queria que eu fosse advogado, porque todo mundo era advogado, mas eu me dei conta que eu não dava, aí eu resolvi estudar Biologia para me vingar, mas aí depois eu vi que não era, eu comecei a namorar um cara de Ciências Sociais...” e conta toda história e os alunos vêem que são pessoas de carne e osso. Assim, “tropecei, fiz tudo errado, briguei com meu orientador, achei que era por aí e não era...”. Mas antes disso, o pesquisador faz uma seleção de textos, às vezes de diferentes

fases da vida, os alunos lêem, vem com textos, com perguntas. Na segunda metade se faz perguntas. Aí é muito interessante porque as pessoas vêem os mais diversos pesquisadores (áreas diferentes, coisas diferentes). Nesse seminário, no primeiro dia de aula eu sempre digo o seguinte: “o que eu vou dizer vai parecer muito desagradável, vocês podem achar que eu estou sendo agressivo, mas eu estou dizendo com o maior carinho: eu não tenho o menor interesse pelas teses de vocês”. Aí eles ficam assim... “Mas por quê?”, eu digo “porque vocês estão virando ‘monomaníacos’, parece o cara que é engenheiro que está fazendo uma tese sobre parafuso de três centímetros, niquelado, de cabeça chata; se o parafuso for de cabeça arredondada e for cromado já diz que não entende. Vocês só pensam nisso, e nem é sexo, ainda se fosse sexo vá lá, mas vocês só pensam na tese e isso fica muito chato. Aqui não é lugar pra discutir tese – vocês vão discutir com o orientador, vocês vão discutir com meus orientandos. Aqui eu quero que vocês abram horizontes. Então eu quero inclusive que vocês façam trabalhos sobre assuntos que não têm nada a ver com a tese, de preferência algum tema que vocês queriam trabalhar e nunca deu tempo; e vocês vão conhecer pessoas como vocês, mas que estão fazendo coisas diferentes para abrir horizontes”. Então, a questão do núcleo, eu acho bom, só que tem um risco - o aluno tem que *balançar* dentro da graduação. Tu tens, por um lado, que te especializar qualquer que seja a tua profissão - em medicina tu não podes dizer: “eu vou ser clínico-geral, ponto”, é “clínico-geral cardiologista, tu não vais estudar medicina e depois vais para o interior atender todo mundo, tu vais te especializar. Então tu tens que já ires te especializando e as bibliografias são cada vez maiores. Ciências Sociais são a mesma coisa: “eu vou me especializar em sindicato” tem um universo, “eu vou me especializar em Carnaval” tem um universo de coisas sobre isso. Mas o sujeito não pode ficar especialista em um tema. Eu acho importante ter núcleos, eu acho até que dá uma identidade, “pertence ao núcleo”, “estou trabalhando com tal pessoa”, “eu tenho festa”, tudo isso aí... – acho tudo isso ótimo. Mas eu acho que as pessoas têm que se abrir para outras áreas também. Se vocês gostam de Literatura, não devem dizer assim “não, agora eu estou fazendo Ciências Sociais”. Não, faz Literatura, faz as duas coisas: vai, faz um curso de Literatura, estudas, lês, te interessas, porque tu acabas fazendo pontes – no caso da Literatura - tu podes fazer um monte de Ciências Sociais só a partir de relatos de livros. E, segundo, que ela te abre horizontes de como é que pessoas pensam. Tu estares em dois núcleos ou estar em um núcleo, mas

freqüentar outro lugar, pode até ser um grupo de jazz, não importa, é uma experiência que te enriquece. Então, minha posição sobre núcleos é assim, acho bom, ajuda a graduação, mas não pode virar uma coisa assim tipo torcida corinthiana – “está toda aqui e não saio”. Eu não sou a favor de ter curso só de Sociologia, só de Antropologia ou só de Política, eu acho muito precoce. Eu já acho muito precoce a especialização que a gente tem agora. Quer dizer, aos dezesseis, dezessete anos tu tens eu escolher o curso que queres fazer e boa parte dos alunos acha que não era o que queria fazer... Eu até gosto do modelo americano que tu entras e vais te especializando. No Brasil é impossível porque é a graduação que define a profissão. Não adianta o sujeito dizer: “estudei um pouco de Economia, um pouco de Geografia”, que tu não vais ser nem um nem o outro. Mas eu acho que talvez seja possível tu colocares alguns professores de áreas diferentes – pelo menos para alguns seminários eles darem juntos –, mas tem que ser uma coisa bem planejada e permitir ao aluno tudo isso. Aquela competição mesquinha que havia antigamente, em parte, acho que se diluiu. Primeiramente, porque os departamentos estão separados, já têm o seu espaço. As pessoas estão se dando conta que a competição não é entre as ciências, mas é dentro das áreas com as outras universidades. Você corre o risco de ter três eixos em que o aluno enfatiza uma, mas acaba não fazendo a outra, não tem diálogo. Tu tens uma concepção de uma disciplina, mas que é muito diferente da concepção da outra. Eu acho que isso é um problema. De novo, os entraves burocráticos são muito complicados; as universidades federais já são complicadas em qualquer coisa que envolve burocracia. Para tu mexeres é mais complicado ainda.

Entrevistadores - Nos índices departamentais, não pode mais compartilhar...

Ruben Oliven - Nós, há um tempo atrás.. não sei quem era chefe de departamento, mas ficou brabo comigo porque eu fiz um relatório. Eu tinha que colocar o meu relatório no currículo lattes. Entrevistas que eu dou para jornal, televisão. Bom, “isso aqui não é currículo, é relatório”. “Ah, mas isso conta ponto, depois conta pra conseguir professor”. Então é quase uma doença que chama *pontite*, quer dizer, tu estás sempre, não em função da tua carreira, para mim não faz diferença, para ajudar o departamento a conseguir professor. Na pós-graduação tem muito isso, como tu tens avaliação... Eu acho bom que tenha avaliação, mas a avaliação está chegando a uma loucura tal que qualquer coisa que tu faças tu tens que saber como apresentar como sendo de um certo jeito que vale mais pontos,

o que acaba desvirtuando as coisas. Acaba tirando o sentido. Por exemplo: na área de exatas acham que publicação boa é só em revista. Aí chegam os cientistas humanos dizem: “não, é livro também”. A CAPES diz: “tudo bem, mas aí vocês têm que fazer uma classificação dos livros”. Como é que tu vais pegar todos os livros no Brasil e classificar e dizer se é melhor ou pior, quem é que vai fazer isso? Também tu acabas só trabalhando isso. Onde a gente tem conseguido fazer essa integração um pouco é na ANPOCS, porque pelo fato de ter as três ciências sociais, a gente muito seminário temático... Esse próprio de “Sociologia Econômica” tem vários antropólogos. Então põe junto e procura muitas vezes pegar uma temática e colocar pessoas de três áreas diferentes para discutir. Às vezes fica uma coisa que é muito boa, mas no que entra a burocracia é complicado.

[FIM DA ENTREVISTA]